

O BERÇO DO MOVIMENTO BATISTA

Zaqueu Moreira de Oliveira

Pastor e professor do STBNB

Os Batistas Gerais (1)

João Smyth, que tinha formação teológica em Cambridge, foi pastor anglicano entre 1600 e 1603, tornando-se então puritano e, mais tarde, em 1606, separatista. Teve no advogado Tomás Helwys um auxiliar competente na nova igreja separatista por ele iniciada. Com a grande perseguição encetada por Tiago I, e após muita discussão na congregação, houve a resolução de emigrarem para a Holanda, onde havia liberdade para os protestantes adorarem a Deus “de acordo com suas próprias premissas”¹. Para a viagem até Amsterdã, que ocorreu entre 1607 e 1608, a ajuda financeira de Tomás Helwys foi fundamental. Ali, Smyth, que era profundo estudioso das línguas originais da Bíblia, concluiu que o batismo infantil não era escriturístico. “Então chegou à lógica inferência de que o batismo que ele e sua congregação haviam recebido nas igrejas paroquiais da Inglaterra não tinha valor”². Assim é que, após convencer os membros da congregação, ele e Helwys dissolveram a igreja anterior e iniciaram uma nova igreja pelo batismo. Para isso, Smyth batizou a si mesmo e depois a Helwys, e os dois batizaram os demais componentes do grupo enquanto professavam a sua fé³. Isso ocorreu em 1609.

A pergunta de muitos é: por que não se uniram aos menonitas que existiam em Amsterdã, uma vez que ambos os grupos tinham pontos de vista comuns sobre batismo de crentes? A resposta dada por Helwys mais tarde é que eles não concordavam com a cristologia docética aceita pelos menonitas, nem com sua teoria sucessionista⁴. Assim, diferiam em doutrinas e práticas, de acordo com a consciência de seus líderes. O desejo era reconstruir uma igreja de acordo com os padrões do Novo Testamento, através do batismo de todos os crentes professos. Até a forma de batismo era secundária, pois inicialmente usaram a afusão e não a imersão⁵.

O “sebatismo”⁶ de Smyth foi duramente criticado pelos seus adversários, levando-o a voltar atrás e pedir filiação aos menonitas para ele e a maior parte da igreja (32 pessoas). Essa filiação não lhe foi concedida, mas seus seguidores a receberam após sua morte. Um grupo menor permaneceu batista, sob a liderança de Tomás Helwys, que se tornou pastor. Uma série controvérsia foi desenvolvida entre Smyth e Helwys, quando este acusou seu ex-companheiro de ter blasfemado contra o Espírito Santo, uma vez que duvidou de sua orientação para se batizar e formar a nova igreja⁷. Por outro lado, Helwys foi criticado pelo fato de ter com ele um grupo tão pequeno. A sua resposta foi citar o texto em Zacarias 4:10: “*Quem despreza o dia das coisas pequenas?*” Essas palavras proféticas pareciam antever que o pequeno grupo de 10 ou 12 que estava com Helwys se transformaria na denominação batista que, hoje, no mundo inteiro, agrupa cerca de 100 milhões de pessoas.

¹ WHITLEY, W. T. *Thomas Helwys of Gray's Inn and Broxtowe Hall, Nottingham*. Londres: Kjngsgate Press, s.d., p. 10. Apud OLIVEIRA, Z. M. **Liberdade e exclusivismo**. Rio de Janeiro: Horizontal; Recife: STBNB Edições, 1997, p. 35.

² UNDERWOOD, A. C. **A history of the English Baptists**. Londres: The Baptist Union of Great Britain and Ireland, 1961, p. 37.

³ ROBINSON, João. **Of religious communion**, 1617, p. 48. Apud OLIVEIRA, **Liberdade e exclusivismo**, p. 37.

⁴ HELWYS, Thomas. **Declaration of faith of English people remaining in Amsterdam in Holland**. 1611, não paginado. Trabalho microfilmado.

⁵ Sobre essa curiosidade voltaremos a falar posteriormente.

⁶ Ato de alguém batizar a si mesmo.

⁷ Conforme Helwys, os menonitas negavam a verdadeira humanidade de Cristo e a doutrina de sucessão. Cf. HELWYS, Thomas. **An advertisement or admonition, unto the congregation**. 1611, p. 35-36. Trabalho microfilmado. Ver também OLIVEIRA, Z. M. **Liberdade e exclusivismo**, p. 55-56.

O BERÇO DO MOVIMENTO BATISTA

Zaqueu Moreira de Oliveira

Pastor e professor do STBNB

Os Batistas Gerais (2)

Depois da organização da primeira igreja batista, João Smyth escreveu várias confissões de fé e, em uma delas, em 1612, apresentou o primeiro escrito nos tempos modernos a defender completa liberdade religiosa, afirmando que o magistrado deve deixar que a religião cristã seja livre, de acordo com a consciência de cada um⁸. Por sua vez, Tomás Helwys também escreveu vários trabalhos e, finalmente, o livro intitulado **Breve declaração do mistério da iniqüidade**, publicado também em 1612, em que defende liberdade religiosa para todos, mesmo para os tiranos e os católicos romanos. Ele declarou nesta obra a disposição de retornar para a Inglaterra, pois, segundo ele, cristãos não devem fugir de perseguição, mesmo que tenham de morrer “por Cristo e sua verdade”⁹. Assim, o grupo retornou e se fixou em Spitafields, nas proximidades de Londres, no mesmo ano de 1612, sendo esta a primeira igreja batista em solo inglês. Em uma das cópias do referido livro, há uma dedicatória ao rei Tiago I, onde Helwys afirma que “o rei é um homem mortal, e não Deus, pelo que não tem poder sobre as almas imortais de seus súditos, para fazer leis e ordenanças para elas e para impor senhores espirituais sobre elas”¹⁰. Tal declaração, plenamente de acordo com os ideais de liberdade e democracia dos nossos dias, foi muito ousada na ocasião, a ponto de levá-lo à prisão por quatro anos, onde morreu em 1616.

Essa foi a primeira igreja batista da qual há continuidade até os dias presentes. Assim como os Católicos Romanos, os Puritanos, os Separatistas e mesmo os Menonitas tinham as suas peculiaridades, o grupo que permaneceu com Helwys tinha a sua própria identidade, pelo que passou a ser chamado de batista. Herdou o apego a uma vida santa dos puritanos e o tipo de igreja congregacional dos separatistas. O contato com os menonitas, únicos preservadores da tradição anabatista do século XVI, influenciou a adoção da teologia arminiana, pelo que os membros da igreja passaram a ser chamados de Batistas Gerais ou Arminianos, já que defendiam a expiação universal de Cristo. As confissões de fé dos seus líderes também negam o princípio calvinista da preservação dos salvos, ao mencionarem a possibilidade do crente cair da graça¹¹. O fundamental, contudo, era a convicção de que aquele grupo passou a existir pela providência de Deus para defender a verdade bíblica, mesmo com a própria vida se necessário fosse¹², devendo conduzir ao batismo apenas os que crêem, conforme a expressão de Felipe ao eunuco, mordomo de Candace, quando este questionou sobre o que impedia que ele fosse batizado. A resposta foi: “É lícito, se crês de todo o coração” (At 8.37a).

⁸ SMYTH, João. **Propositions and conclusions concerning true Christian religion**. 1612. In: LUMPKIN, William L. **Baptist confessions of faith**. Chicago, Filadélfia, Los Angeles: Judson Press, 1959, p. 140

⁹ HELWYS, Thomas. **A short declaration of the mystery of iniquity**. Reproduzida em réplica da cópia dedicada por Helwys ao rei Tiago I. Londres: The Kingsgate Press, 1935, p. 212.

¹⁰ HELWYS, Thomas. Dedicatória a Tiago I. Apud OLIVEIRA, Z. M. **Liberdade e exclusivismo**, Rio de Janeiro: Horizontal; Recife: STBNB Edições, 1997, p. 68.

¹¹ HELWYS, Thomas. **A declaration of faith of English people remaining at Amsterdam in Holland**. In: LUMPKIN, William L. **Baptist confessions of faith**. Chicago, Filadélfia, Los Angeles: Judson Press, 1959, p. 118.

¹² OLIVEIRA, Z. M. **Liberdade e exclusivismo**, p. 61-62.